

Apresentação

A enunciação em perspectiva

The enunciation in perspective



A Linguística da Enunciação, assim denominada por Flores e Teixeira (2005), desenvolvida especialmente na França, compreende várias teorias, surgidas em diferentes momentos, mas com certo número de características comuns. Na tentativa de oferecer ao leitor o que se faz nesse domínio atualmente, este número de *Letras de Hoje* reúne textos produzidos por alguns linguistas, criadores de algumas delas, e de estudiosos da linguagem.

Émile Benveniste, em seu artigo intitulado *La forme et le sens dans le langage*, ao iniciar sua exposição em um congresso de filósofos para o qual havia sido convidado, mencionava a dificuldade de consenso, e até mesmo a existência de uma certa recusa, entre os linguistas da época (1966), de aceitar que fossem considerados linguísticos estudos sobre o sentido na linguagem. Mas, apesar da desconfiança em relação ao que era tido como vago e impreciso, várias teorias surgiram no cenário da linguística francesa, tendo como traço comum diferentes leituras do espaço sugerido por Saussure ao tratar de uma linguística da fala.

Alguns princípios permitem que se atribua parentesco às diversas teorias enunciativas. Eles estão vinculados, principalmente, aos conceitos saussureanos de *relação*, de *língua* e *fala* e à importância da prioridade da ordem linguística. Um dos editores do *Curso de Linguística Geral*, Charles Bally, ao criar uma nova estilística, constrói uma análise fundamentada na presença da enunciação no enunciado. As noções de *dictum* (a estrutura semântica da frase) e de *modus* (reação de um sujeito modal diante do *dictum*), tomadas por Bally da filosofia medieval e tidas como fundamentais em sua *Linguistique Générale et Linguistique Française*, mostram já a indispensável presença de um sujeito e de um verbo modal no enunciado. Percebe-se, com isso, que a *língua*, diferentemente do que propõe Saussure aparece relacionada à *fala*, na perspectiva enunciativa. Tal fato aponta, então, para leituras próprias desenvolvidas por teorias da Enunciação, que modificam, por vezes contrariam conceitos estruturalistas, mas se apresentam filiadas a Saussure, reconstruindo seu pensamento, para dar conta do emprego da língua.

Assim, a necessidade da junção das noções de *língua* e *fala* e, conseqüentemente, de uma nova conceituação,

conduz à criação de um novo modo de ver a linguagem, o da Linguística da Enunciação. É esse esforço que se pode ler em alguns artigos do *Problèmes de Linguistique Générale* de Émile Benveniste, na sucessão de artigos concernentes aos níveis da análise linguística, à forma e ao sentido na linguagem e ao aparelho formal da enunciação, escritos respectivamente em 1962, 1966 e 1970. No primeiro, o autor define a interdependência entre as relações distribucionais, de mesmo nível, e as relações integrativas, entre níveis diferentes, e encontra aí a relação entre forma (nível inferior) e sentido (nível superior). Partindo da análise da *língua* enquanto forma, Benveniste atribui lugar especial ao *sentido* e chega ao *discurso*, ou seja, estabelece um novo domínio, o do discurso, contrariando uma linguística centrada na forma.

Esse momento de reflexão de Benveniste é seguido pelo estudo da forma e do sentido na linguagem, onde afirma que a significação não é algo acrescentado à *língua*; ao contrário, é seu próprio ser. Nesse texto, o autor defende que ao *signo*, como unidade semiótica constituída de um significante e de um significado, devem ser atribuídos *forma* e *sentido*. A *significação* do signo é definida pela comunidade de fala, pelo uso da língua. A *frase* tem função comunicativa, logo signo e frase têm funções distintas. Com o signo tem-se o significado, em relação paradigmática de substituição, a *língua*. Com a *frase*, se está no domínio do sintagma, da conexão, das coisas fora da língua, na referência à situação de discurso. Há, então, no estudo de 1966, uma reflexão sobre o lugar que o *sentido* deve ocupar nos estudos da linguagem. Percebe-se, entretanto, ainda nesse momento, uma separação entre o *sistema semiótico*, dos signos, e o *semântico*, da língua em uso, vistos como linguísticas distintas.

É em 1970, no texto em que trata do aparelho formal da enunciação, que Benveniste mostra que o emprego da língua é um mecanismo relativo a toda a *língua* por meio da *enunciação*, da qual o *discurso* é uma manifestação. A *enunciação* é o ato de produzir um *enunciado*. A *língua* é o instrumento de que se utiliza o locutor para se enunciar e produzir *discurso*. Pela *enunciação*, processo de apropriação, a *língua* converte-se em *discurso*: o locutor apropria-se do *aparelho formal da língua* e se enuncia.

Pela *apropriação da língua*, o locutor se estabelece em seu discurso, e instaura o interlocutor, o espaço e o tempo. Com a noção de *enunciação*, Benveniste articula *forma* e *sentido*, fazendo coexistir o *semiótico* e o *semântico*.

Outra proposta enunciativa, posterior à de Benveniste, é a de Oswald Ducrot. Criador de uma teoria argumentativa, Ducrot também faz uma releitura muito própria de conceitos saussureanos. Fundamenta-se igualmente nas noções de *língua* e de *fala*, mas entende *língua* como objeto teórico construído, e *fala* como conjunto de dados observáveis. A seu ver, toda pesquisa científica deve distinguir muito claramente o fato linguístico a ser observado (hipóteses externas) e as construções teóricas destinadas a descrever e explicar esse fato (hipóteses internas). Assim, denomina *frase* a entidade linguística teórica, abstrata, fora de contexto, e *enunciado* a ocorrência particular da *frase*. O valor semântico da *frase* é a *significação* e o do *enunciado* é o *sentido*. A *significação* é constituída pela *instrução*, que aponta o que deve ser procurado no *enunciado* para se chegar ao *sentido*. Percebe-se, então, que a *significação* da *frase* é uma construção do linguista. A relação entre *língua* e *fala*, logo, entre *significação* e *sentido*, estabelecida pela *instrução*, articula *frase* e *enunciado*, ou, em termos saussureanos, *língua* e *fala*. Então, a *semiótica* não pode ser construída sem incluir a *semântica*.

A *enunciação*, para Ducrot, diferentemente do que se lê na proposta de Benveniste, é o *surgimento do enunciado*. O sentido do *enunciado* é a representação de sua *enunciação*. Assim, *a fala tem, entre suas funções, a de se por em cena a si própria, de produzir, no momento em que se realiza, uma representação de sua própria realização* (1997, p. 13). O locutor, que se apresenta marcado no sentido do enunciado, não é, porém, único, já que existe, no uso da língua, uma pluralidade de sujeitos falantes que constituem vozes, presentes no *enunciado*, sem palavras, mas que produzem sentidos. São os *enunciadores*, origens de *pontos de vista*, em relação aos quais o *locutor* tem determinadas atitudes: a de assumir, a de concordar e a de se opor a pontos de vista. Então, os enunciados produzidos pelo locutor não dão acesso direto à realidade: *falar é construir e tratar de impor aos outros uma espécie de apreensão argumentativa da realidade* (1990, p. 14). Se a linguagem descreve a realidade, o faz pelos aspectos *subjetivo* e *intersubjetivo*, fazendo dela *o tema de um debate entre os indivíduos* (Ducrot, 1990, p. 50). Subjetividade e intersubjetividade são unificados e se reduzem ao *valor argumentativo* do *enunciado*. Este consiste na orientação que uma palavra dá ao discurso, isto é, na continuação que a palavra torna possível ou impossível. Desse modo, o valor argumentativo dá conta dos efeitos subjetivos e intersubjetivos do enunciado. Entende-se com isso, a prioridade do linguístico, na construção do sentido do discurso.

Para Antoine Culioli, a *enunciação* é o processo de constituição de sentido no enunciado, cujas formas remetem à produção de valores referenciais. Os mecanismos enunciativos devem ser analisados no arranjo de formas expressas no *enunciado*, sendo que este é o objeto de análise e é nele que se torna possível reconstituir a *enunciação*. Esses mecanismos são um *sistema de representações* formalizáveis como um encadeamento de operações, marcas da *enunciação* no *enunciado*. Logo, os *mecanismos enunciativos* estabelecidos pelo objeto de análise não são externos à língua. Denomina-se *enunciador* a origem de *localizações* produzidas pelo processo enunciativo que o trabalho de análise deve reconstruir.

As *relações de localização*, por sua vez, são os termos de uma língua que, ao serem empregados, adquirem *valor referencial* em relação a outro termo. Assim, quando um termo X é identificado em relação a outro termo Y, a operação de localização atribui a X um valor referencial, que ele não tinha anteriormente, porque os termos só adquirem valor pelo sistema de localização no enunciado. Então, enunciar é construir uma rede de valores referenciais, um sistema de localização.

A proposta enunciativa de Culioli cria o conceito de *noção* como sendo uma representação não-linguística da atividade simbólica, uma representação cuja materialidade é inacessível ao linguista, já que é virtual, não corresponde a um item lexical, e só pode ser apreendida pelas ocorrências de suas realizações particulares. A *ocorrência* é, em vista disso, a passagem da representação mental à materialidade e a uma situação de *referenciação*. Um novo conceito surge, então, o de *situação de enunciação* como um conjunto de situações que constituem o sistema de referência do enunciado. Trata-se de um espaço enunciativo produzido por um ato de *enunciação*, que constrói no enunciado seu sistema referencial próprio.

É possível depreender da rápida exposição de alguns conceitos da teoria enunciativa de Culioli, a importância que assume, nessa proposta, a noção estruturalista de *relação* por meio da noção de *localização*. Mantém-se, desse modo, a vinculação direta dessa teoria enunciativa ao pensamento de Saussure.

Em linhas gerais, o leitor deverá encontrar nesta *Letras de Hoje* três grandes linhas de pensamento acerca da linguagem.¹

Os trabalhos aqui presentes de Claudine Normand se inscrevem em um amplo conjunto de pesquisas da autora, muitas delas desenvolvidas junto ao *Groupe de*

¹ Como se verá, o estabelecimento em português dos textos requereu dos tradutores, organizadores, revisores e revisores técnicos um considerável trabalho. Assim, visando alguns esclarecimentos considerados importantes, o leitor encontrará, no decorrer dos textos, algumas notas de tradução [N.T.] e algumas notas dos organizadores [N.O.]. Sempre que julgamos necessário, mantivemos alguma palavra ou expressão na língua original entre parênteses ao lado da tradução sugerida.

Recherches en Histoire de la Linguistique (GRHIL). Normand, há mais de quarenta anos, tem sido responsável pelo movimento, hoje bastante consolidado na França, de recolocar na ordem do dia questões relativas à epistemologia e à história da linguística.

Seus textos, a seguir apresentados, são *A Teoria de Antoine Culioli: uma poética*² e *Leituras de Benveniste: algumas variantes sobre um itinerário demarcado*.³

O primeiro é resultado da apresentação de encerramento feita pela autora no Colloque de Cerisy, na França, sobre Antoine Culioli, ocorrido em 2005. Trata-se de um texto que, em estilo singular, produz uma interpretação iluminada da obra de Antoine Culioli. Esse autor é ainda pouco conhecido na linguística brasileira. Esperamos que, com a apresentação feita por Claudine Normand, outros venham a se interessar pelas idéias da Teoria das Operações Enunciativas.

O segundo texto expõe um percurso de análise da obra de Émile Benveniste. Claudine Normand, com esse texto, faz a apresentação do número especial de *LINX*, publicado em 1997, que reproduz as atas do Colóquio de Cerisy La Salle, *Emile Benveniste: vingt ans après*, ocorrido entre 12 e 19 de outubro de 1995.

Ambos os trabalhos são testemunhos da fertilidade do pensamento da autora, ao qual ainda se pode acrescentar as reflexões sobre Ferdinand de Saussure.

Cabe anunciar, então, que, em breve, este mesmo grupo de tradutores e pesquisadores deverá trazer à luz da linguística brasileira um volume que reúne textos de Claudine Normand produzidos pela autora nos últimos 30 anos. Aguardemos, portanto.

Encontram-se, também, neste número da *Letras de Hoje*, os textos *Argumentação retórica e argumentação linguística*,⁴ de Oswald Ducrot, *Análise argumentativa do léxico: o exemplo da palavra 'medo'*,⁵ de Marion Carel, *Para uma gramática argumentativa da frase: os casos de O e UM*,⁶ de Alfredo Lescano, e *Reformulación parafrástica y no parafrástica y ethos discursivo en la escritura académica en español. Contrastes entre escritura experta y escritura universitaria avanzada*, de María Marta García Negroni.

O primeiro texto é mais uma prova da originalidade do pensamento de Oswald Ducrot. O artigo desenvolve os argumentos que permitem ao autor mostrar que a argumentação linguística não tem relação direta com a argumentação retórica. A reflexão fundamenta-se na Teoria da Argumentação na Língua tal como Ducrot e Carel a desenvolvem atualmente.

No texto seguinte, Marion Carel apresenta uma análise argumentativa da palavra *medo* fundamentada na Teoria dos Blocos Semânticos, momento atual da Semântica Argumentativa. O trabalho é ilustrativo do enorme potencial analítico da Semântica Argumentativa.

Em seguida, Alfredo Lescano faz uma análise semântico-argumentativa e polifônica de “o” e “um”, partindo da hipótese de que é possível analisar semanticamente esses artigos sem considerar as noções de verdade e de referência.

Encontra-se ainda o texto de María Marta García Negroni que tem como tema a reformulação parafrástica, não parafrástica e *ethos* discursivo e suas marcas na escrita acadêmica em espanhol. A autora analisa o uso de conectores e marcadores discursivos em textos escritos por especialistas (linguistas do discurso) e textos de estudantes universitários de Pós-Graduação dessa área.

Esse segundo bloco de textos encontra coesão, exatamente, no pensamento iniciado há muitos anos por Oswald Ducrot. A revista *Letras de Hoje* há muito tem se dedicado a publicar em português textos que refletem a grande produtividade do pensamento de Ducrot. Mais uma vez, esperamos proporcionar aos leitores o prazer de ver evoluir um pensamento que é, em si, influenciador de gerações de pesquisadores.

O terceiro conjunto de textos apresenta, julgamos que pela primeira vez ao público brasileiro, trabalhos de Dominique Ducard. Esse linguista nos oferece, de maneira que poderíamos chamar de inédita, uma reflexão que muito deverá produzir no cenário teórico brasileiro.

O texto *A gênese do signo: o jogo do carretel e o gesto da faca*,⁷ texto decorrente de uma Comunicação feita no colóquio do Centre Culturel International de Cerisy-la-Salle, *Freud et le langage*, em setembro de 2007, apresenta um estudo do autor sobre a gênese do signo ressaltando a atividade de simbolização.

Em *O grafo do gesto mental na teoria enunciativa de A. Culioli*⁸ – texto produzido a partir de uma comunicação realizada na “Journée d’études *Les linguistes et leurs graphiques*”, no Centro da Universidade de Chicago em outubro de 2007 – são desenvolvidas reflexões, a partir da teoria enunciativa de Antoine Culioli, em torno das noções de esquema, diagrama, forma esquemática, gesto mental, linguagem e gestualidade.

² Tradução de Leci Borges Barbisan (PUCRS); revisão técnica de Valdir do Nascimento Flores (UFRGS)

³ Tradução de Fábila Castro de Oliveira, Gustavo de Azambuja Feix, Joice Monticelli Furtado e Paula Fernanda Malaszkievicz; revisão de tradução de Leci Borges Barbisan (PUCRS) e Patrícia Chittoni Ramos Reuillard (UFRGS); revisão técnica de Valdir do Nascimento Flores (UFRGS).

⁴ Tradução de Leci Borges Barbisan (PUCRS); revisão técnica de Valdir do Nascimento Flores (UFRGS).

⁵ Tradução de Leci Borges Barbisan (PUCRS); revisão técnica de Valdir do Nascimento Flores (UFRGS).

⁶ Tradução de Leci Borges Barbisan (PUCRS); revisão técnica de Valdir do Nascimento Flores (UFRGS).

⁷ Tradução de Alessandra Bez, Gustavo de Azambuja Feix, Joice Monticelli Furtado, Mirella Maines, Paula Fernanda Malaszkievicz; revisão de tradução de Leci Borges Barbisan (PUCRS) e Patrícia Chittoni Ramos Reuillard (UFRGS); revisão técnica de Valdir do Nascimento Flores (UFRGS).

⁸ Tradução de Consuelo Vallandro Barbo; revisão de tradução de Patrícia Chittoni Ramos Reuillard (UFRGS), Leci Borges Barbisan (PUCRS) e Fábila Castro de Oliveira; revisão técnica de Valdir do Nascimento Flores (UFRGS).

Em *Sentido oposto, ambivalência, complementaridade: notas de leitura seguidas de um estudo semio-linguístico de abandon*,⁹ vemos retomado o debate, agora sob a ótica culioliana, em torno do sentido antitético das palavras primitivas, reflexão originalmente formulada por Sigmund Freud e retomada, no último século, por autores da envergadura de Émile Benveniste, Jean-Claude Milner, Michel Arrivé, entre outros. Este texto deve, certamente, inspirar os linguistas brasileiros a se inteirar do tema.

Finalmente, cabe falar um pouco do contexto de surgimento do projeto desta *Letras de Hoje*.

Ele foi concebido no inverno parisiense de 2008. Nosso encontro se deu no agitado bairro de Montparnasse. Um vinha do seminário de Oswald Ducrot e Marion Carel, na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*; o outro do seminário de Antoine Culioli, na *École Normale Supérieure*. O cenário era, realmente, inspirador.

Resta-nos agradecer a todos os autores aqui presentes, que autorizaram as traduções de seus textos. *Merci beaucoup!*

Por fim, um agradecimento especial à equipe de tradutores sem a qual nada do que será visto a seguir teria sido possível.

Os textos que temos a alegria de apresentar nesta revista e aqueles que integrarão publicações que estão por aparecer são o produto de uma bem-sucedida parceria que temos com o Curso de Bacharelado em Letras da UFRGS. O setor de Língua Francesa, em especial, muito tem nos apoiado em iniciativas de divulgação de textos a um público maior de leitores. Agradecemos a todos!

Leci Borges Barbisan
Valdir do Nascimento Flores

⁹ Tradução de Gustavo de Azambuja Feix, Joice Monticelli Furtado e Paula Fernanda Malaszkiewicz; revisão de tradução de Patrícia Chittoni Ramos Reuillard (UFRGS), Leci Borges Barbisan (PUCRS) e Fabiola Castro de Oliveira; revisão técnica de Valdir do Nascimento Flores (UFRGS).